

Hermenêutica: origens¹

Hermeneutics: origins

Hermenéutica: orígenes

Isaac Maynard Carvalho Moyses Souza²

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar um estudo sobre a hermenêutica: desde sua possível gestação e formação, compreendendo o seu desenlace na história. O esforço acadêmico compreende uma revisão bibliográfica, sendo que se justifica pela imprescindível necessidade de se compreender as possíveis origens da hermenêutica e a formação de sua tradição.

Palavras-chave: Hermenêutica; Tradição; Origens da hermenêutica.

Abstract: The aim of this work is to present a study of hermeneutics: from its possible gestation and formation, to its development in history. The academic endeavour comprises a bibliographical review, which is justified by the essential need to understand the possible origins of hermeneutics and the formation of its tradition.

Key-words: Hermeneutics; Tradition; Origins and hermeneutics.

Resumen: objetivo de este trabajo es presentar un estudio de la hermenéutica: desde su posible gestación y formación, hasta su desarrollo en la historia. El esfuerzo académico comprende una revisión bibliográfica, que se justifica por la necesidad esencial de comprender los posibles orígenes de la hermenéutica y la formación de su tradición.

Palabras-llave: Hermenéutica; Tradição; Orígenes de la hermenéutica.

1 Introdução

A linguagem é o *locus* que permite que o humano se comunique e conheça o que o outro quer dizer. Desde a antiguidade grega que aqueles que se propunham a refletir – ou seja, analisar os fundamentos, a razão de algo, praticar o exame, pensar sobre o que se está pensando (Japiassú; Marcondes, 2001, p. 164) – tiveram como objeto de interesse as palavras, a relação das palavras com as coisas ³(Platão, 2014), a relação da expressão com o pensamento (Aristóteles, 1985): em suma, temáticas que de alguma maneira se relacionam com o mistério da linguagem e de seu

¹ Agradecimentos a Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo incentivo e financiamento a pesquisa.

² Doutorando em Direito e Mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Pós-Graduado em Direito Penal e Processo Penal; Bacharel em Direito Pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); Membro eleito da Representação Discente junto ao PPGD/UFMG (2021; 2022; 2023); Membro Pesquisador no Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos (GPDH-UESC); Membro no Grupo de Pesquisa em Filosofia do Direito e Pensamento Político (UFPB); Advogado e Professor.

³ Platão, no Crátilo, apresenta interessante contribuição sobre a temática. No diálogo, há uma espécie de debate entre dois personagens, Crátilo e Hermógenes, bem como a figura do Sócrates como um terceiro debatedor/mediador. Crátilo acreditava que os nomes estão atrelados a natureza das coisas, já Hermógenes demonstrava posição mais relativista, crendo que os nomes das coisas eram meras convenções.

horizonte de possibilidades.

A hermenêutica se insere – pode-se dizer – nesse contexto de busca pelo significado, por permitir significado ou significação, por propiciar o entendimento e a compreensão (etc.). O termo “hermenêutica”, desde suas raízes etimológicas – o verbo grego *hermeneuein*, que se traduz por interpretar, e o substantivo grego *hermeneia*, que se traduz por interpretação – já guardava relação com o traduzir, o explicar e o exprimir (dizer).

No decorrer da gestação, surgimento formal e desenvolvimento do que hoje se entende como hermenêutica, diversas contribuições por parte de pensadores, a partir da permissão do horizonte de cada época, cooperaram para a construção da tradição hermenêutica.

Este pequeno esforço acadêmico se propõe a refletir sobre a história da hermenêutica, salientando contribuições relevantes e objetivando pensar esse trajeto de desenvolvimento.

O artigo se apresenta como uma revisão bibliográfica dividida em 2 capítulos em que o tema será desenvolvido, este capítulo inicial que compreende uma introdução e um derradeiro capítulo dissertativo que se consubstancia nas considerações finais deste trabalho. Por fim, as referências bibliográficas são apresentadas em sessão última.

Como já dito em linhas prologais, no resumo inicial, a necessidade de se compreender o surgimento e o desenvolvimento da hermenêutica justifica esse artigo.

2 Hermenêutica: origens

Tratar da temática das “origens” de determinada área de conhecimento, disciplina, ciência, saber ou *coisa* não é tarefa que carrega consigo a possibilidade de fácil desempenho. Lidar com origem é lidar com a história: tanto do objeto de investigação, quanto dos próprios efeitos desse objeto. Apesar de compreender a dificuldade, não se pode – o estudioso de uma determinada temática – fugir da ingrata tarefa de se traçar – ainda que a título de tentativa – um panorama sobre.

No que se refere a hermenêutica, para delinear um modelo explicativo sobre suas possíveis origens, talvez seja proveitoso fazer uso de um esquema didático, assim, tanto o leitor iniciado na temática, quanto o leitor noviço, neófito, poderão receber uma contribuição mais expressiva.

É possível, a partir do que foi dito, entender que três perspectivas de compreensão podem ser rascunhadas no que se refere ao surgimento da hermenêutica: a primeira com um viés de investigação histórico terminológico, a segunda com um viés mais próximo do que se pode chamar de “etimológico”, e a última com um viés mitológico. Por óbvio, é essa uma estratégia didática, pois, *in fine*, os três modos de compreensão estão interligados.

Nessa perspectiva, a partir do que ensina Jean Grondin (2012, p. 17), a primeira vez que o termo “hermenêutica” surgiu e foi empregado em uma obra ou mesmo utilizado foi com o teólogo estraburguense Conrad Dannhauer. Este, que era luterano de formação, foi o suposto “inventor” do termo hermenêutica e o primeiro a utilizar o termo, ao que se percebe, em uma obra, neste caso, sua “*Hermeneutica sacra sive methodus exponendarum sacrarum litterarum*”, em tradução livre possível do latim: “Hermenêutica sagrada ou método de expor a literatura sagrada” (Souza, 2023, p. 33). É perceptível, com o teólogo Dannhauer (ou, mais especificamente, através da própria denominação de sua obra), que a hermenêutica é reduzida a uma espécie de método que deveria ser aplicado a interpretação, exposição ou estudo da literatura sagrada.

Para além de se compreender quando o termo “hermenêutica” surge na história do pensamento, é proveitoso investigar sua possível gestação ou origem etimológica. Nesse sentido, a partir do que ensina Richard Palmer, em sua obra *Hermenêutica*, o termo “hermenêutica” teria suas raízes firmadas no verbo grego *hermeneuein* (que é traduzido por interpretar) e no substantivo grego *hermeneia* (que é traduzido por interpretação) (Palmer, 1999, p. 23.).

Sobre o que diz Palmer, explica Isaac Maynard Carvalho Moyses Souza:

Conforme Palmer, existem três vertentes básicas atreladas ao significado de *hermeneuein* e *hermeneia* em seu uso antigo. Estas três orientações, para exemplificar, utilizando a forma verbal *hermeneuein*, podem ser assim significadas: I – Expressar em voz alta (dizer); II – Explicar (como quando se explica uma situação); III – Traduzir (como na tradução de uma língua estrangeira) (SOUZA, 2023, p. 36).

Como se observa, Palmer irá atrelar a construção do sentido da palavra hermenêutica aos verbos expressar, explicar e traduzir (Palmer, 1999, p. 24).

Além de uma possível perspectiva etimológica, pode haver uma relação do vocábulo hermenêutica com a mitologia grega. Para ser mais específico, acredita-se que há uma possível relação do termo hermenêutica com a figura mitológica “Hermes” (Palmer, 1999, p. 24-28).

Como conta Hesíodo, em sua clássica *Teogonia*, o deus grego Hermes era o resultado de um suposto enlace entre o deus Zeus e a deusa Maia (Hesíodo, 2007, p. 143).

Pode-se dizer que Hermes é conhecido nas tradições como um deus que assumiu ao longo de sua história diversas funções e atividades. De deus dos ladrões a deus dos comerciantes, de mensageiro dos deuses a mensageiro das passagens ao além, Hermes estava em atuação (Madeira Filho, 2002, p. 52).

Ao que é pertinente a este recorte, necessário é entender a figura de Hermes em uma de suas funções mais expressivas, a de mensageiro entre os deuses e os homens, interlocutor,

tradutor da mensagem. Como é perceptível nas lições de Palmer, Hermes era responsável por realizar uma espécie de exercício hermenêutico de tradução, na medida em que fazia a mensagem dos deuses compreensiva aos seres humanos (Palmer, 1999, p. 24).

A partir dessas três perspectivas, percebe-se que a hermenêutica está atrelada com a busca por uma compreensão, pelo entendimento, pelo desvelar do sentido que existe ou possibilita a linguagem, ou a coisa ela mesma. Traduzir, interpretar, explicar, expressar, todas essas atividades guardam relação com a hermenêutica.

3 Breve histórico do desenvolvimento da hermenêutica

A partir do surgimento do termo “hermenêutica” com Conrad Dannhauer, no século XVII (Guilhus, 2016, p. 145), a *coisa* ganhou contornos diversos no decorrer da história do pensamento ocidental.

Ao que foi possível perceber, a hermenêutica – como uma espécie de disciplina – nasce com Dannhauer atrelada, ao que parece, a uma finalidade de servir de método, instrumento a ser aplicado por aquele que objetivava interpretar e expor a escritura sagrada. Surge em um contexto nitidamente religioso, voltado para uma finalidade teologal.

A partir de Dannhauer, outros estudiosos se dispuseram a compreender a hermenêutica, sendo que, para o recorte aqui escolhido, cabe apontar que foram selecionados alguns pensadores tidos como de maior preeminência.

Por esta perspectiva, então, cabe citar que no século XVIII, um teólogo trouxe grandes contribuições para o estudo e desenvolvimento da hermenêutica: este homem era Friedrich Schleiermacher.

Conforme denota Hugh Mackintosh, para se compreender o pensamento de Schleiermacher, imprescindível é compreender quem era Schleiermacher, veja:

A filosofia de Kant é suficientemente inteligível a um leitor que pouco ou nada saiba da vida pessoal do filósofo, porém o mesmo não ocorre quanto ao pensamento de Schleiermacher, que só pode ser apreendido na medida em que é estudado a luz de sua biografia (Mackintosh, 2002, p. 41).

Nessa perspectiva, em linhas gerais, Schleiermacher era um teólogo, filósofo e filólogo que teve, pode-se dizer, relevância não somente na área da hermenêutica. Tradução na íntegra dos diálogos de Platão para o alemão, por exemplo, foi uma contribuição de relevo do referido pensador na atividade de filólogo, para além disso, importantes contribuições filosóficas e teológicas foram ofertadas, veja:

Friedrich Schleiermacher foi um notável pensador que viveu durante os séculos XVIII e XIX. Sua vida intelectual foi bastante movimentada em virtude da diversidade de suas áreas de estudo e atuação. Além de ter sido um hermenêuta proeminente na história no pensamento hermenêutico, Schleiermacher foi também relevante em seu tempo como filólogo, filósofo e teólogo. Na primeira função, cabe apontar que um de seus trabalhos mais importantes (talvez o mais importante) foi a sua tradução dos diálogos platônicos – na íntegra – para o alemão. Como teólogo, pode-se dizer que o referido pensador teve uma carreira sólida: foi Professor de Teologia da Universidade de Hale (em 1804) e, posteriormente, foi o primeiro decano da Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim (em 1810). Atrelado a sua atividade de filósofo, postumamente, foram publicadas três obras suas: sua *Dialética* (1839); sua *Ética* (1836); sua *Estética* (1842) (Souza, 2023, p.59).

Schleiermacher viveu um tempo histórico marcado por uma atitude que apregoava um retorno da atenção do ser humano – que a partir da modernidade começou a voltasse para a razão – ao universo emocional, subjetivo: fala-se aqui do romantismo. Sobre isso:

O romantismo, considerado mais uma atitude do que uma crença, era uma reação contra o predomínio das regras clássicas na literatura e na arte, e também uma rebelião contra o intelectualismo árido do racionalismo do século XVIII. Pode-se definir como um retorno apaixonado aos instintos naturais, à vida, à liberdade, ao gosto individual, à espontaneidade da imaginação criativa (Mackintosh, 2002, p. 43).

Schleiermacher, para além de estar inserido, conforme Mackintosh, em um contexto romântico, apresentava uma tendência ou natureza sentimental (Mackintosh, 2002, p. 41), Grondin, inclusive, dá a entender que a partir de uma leitura subjetivista, em sua obra teológica *Sobre a Religião* (1799), Schleiermacher defende uma fé que exprime uma espécie de *sentimento* de dependência total (Grondin, 2012, p. 24).

Compreendendo o que pode ter influenciado o teólogo, parte-se com mais segurança para análise de seu pensamento hermenêutico.

Schleiermacher dará atenção especial a linguagem, ganhando a mesma protagonismo específico – talvez – como antes ainda não ocorrera, veja:

Portanto, em Schleiermacher, temos que a compreensão correta do discurso alheio se realiza através da compreensão da linguagem, que o autor utilizou para expressar o seu pensamento, logo, não existe outra via de acesso ao entendimento do que o outro expôs em seu texto e/ou discurso, se não a linguagem (Miranda, 2016, p. 5).

Parece perceptível que a linguagem se torna – mais claramente – uma espécie de caminho para se compreender o outro. Nesse viés, Schleiermacher irá criar um modelo para que, através da linguagem se possa chegar à compreensão, veja:

Para além disso, no pensamento de Schleiermacher, é possível observar a criação de um modelo para que, através da linguagem, consiga-se chegar à compreensão, sendo que esse modelo está mais para um desenho explicativo, não se trata de uma técnica petrificada. Assim, nasce a ideia das abordagens gramatical e psicológica, como pode ser percebido na monumental obra *Hermenêutica e Crítica*. Desse modo, Schleiermacher aparenta

acreditar que, para se compreender o que está na obra, na verdade, faz-se preciso uma espécie de investigação gramatical que se volta ao universo da linguagem. Em sequência, a busca será pela intelecção do autor da obra: o que ele quis dizer, isso numa tentativa de reconstrução. A interpretação sempre será necessária pois em Schleiermacher a universalidade não repousa sobre a compreensão, o sinal, o conhecimento de fundo, etc. O universal, na verdade, é o mal-entendido, o estranhamento (Souza, 2023, p. 61).

Assim, a ideia do método gramatical e psicológico são caminhos para se compreender o que o autor de uma obra quis dizer (uma busca por compreender, talvez, o pensamento do outro sujeito).

Após Schleiermacher, Dilthey trouxe contribuições significativas para a hermenêutica. Primeiro, é de se considerar que foi o referido pensador que cunhou a diferenciação entre as ciências da compreensão e as ciências explicativas (Salgado, 2006, p. 31): esse invento conceitual é de utilidade até mesmo pedagógica no que se refere ao compreender diferenciações entre as diversas áreas da “ciência”. Sobre isso:

Dilthey sustentou que «os estudos humanísticos» ou «ciências humanas» (*Geisteswissenschaften*) tinham que forjar novos modelos de interpretação dos fenômenos humanos. Estes tinham que derivar das características da própria experiência vivida; tinham que basear-se nas categorias de «sentido» e não nas categorias de «poder», nas categorias da história e não nas das matemáticas. Dilthey viu a distinção essencial, que existe entre os estudos humanísticos e as ciências naturais (Palmer, 1999, p. 110).

Em Dilthey, surge a ideia de que a hermenêutica será justamente a base metodológica do que Grondin chama de ciências humanas (ou seja, as ditas compreensivas), veja:

Se assim é, a hermenêutica poderia ser investida de uma nova tarefa, sugere Dilthey: “O papel essencial da hermenêutica” será “estabelecer teoricamente, contra a intrusão constante do arbitrário romântico e do subjetivismo cético no campo da história, a validade universal da interpretação, base metodológica de toda certeza histórica”. Essa meta subsistirá amplamente como um programa na obra de Dilthey, mas a ideia segundo a qual ela poderia servir de base metodológica às ciências humanas conferiu à hermenêutica uma pertinência e visibilidade que, antes dele, ela realmente nunca conhecera (Grondin, 2012, p. 25).

Outro nome relevante para a hermenêutica e digno de nota nesses breves apontamentos é Martin Heidegger. Conforme Jean Grondin, com Martin Heidegger, a hermenêutica adquirirá um novo status: o de filosofia autônoma (Grondin, 2012, p. 35). Sobre o pensamento de Heidegger, ensina Salgado:

Para superar essa divisão, Heidegger desenvolve uma ontologia que indaga pelo sentido do ser do ente. Fenômeno é o que é o ser e “ser é sempre o ser de um ente”. Ora, o ente em que o ser aparece, se revela, ou se desoculta, é o “Dasein”. Para revelar o ser, Heidegger promove uma análise desse ente privilegiado, “fenomenologicamente exemplar”, o “Dasein”, que é o tema da ontologia fundamental. Falo através do método fenomenológico, a partir de uma hermenêutica do sentido do ser, como ele próprio denomina. Hermenêutica é, portanto, a fenomenologia do “Dasein”, interpretação do ser, do “Dasein”, da estrutura do seu próprio ser, tornando “conhecida para si a natureza do

ser”¹⁰. Ora, se a “linguagem é a morada do ser” e se é “pelas palavras e pela linguagem que as coisas ganham ser e existência”, essa ontologia da linguagem tem como ponto de partida a interpretação, pois a palavra ou o “logos” (Xoyoo) é o que deixa ver, deixa algo ser visto, podendo ser verdadeiro ou falso, e que, sendo verdadeiro, é o que torna possível desocultar-se o ser do ente, descobrir-se, revelar-se. A fenomenologia é, assim, esse método pelo qual “o que se mostra, na medida em que se mostra a partir de si mesmo”, deixa-se ver, revela-se por si mesmo. O que está oculto e se mostra é o ser do ente, e a fenomenologia é o modo próprio do caminho de Husserl, repetido por Heidegger; “Zu den Sachen Selbst” (às coisas mesmas). O “logos” não tem de estruturar o ser, categorizá-lo ou qualificá-lo, mas simplesmente de ser abertura para que ele se desoculte (Salgado, 2001, p. 250).

Salgado irá dizer que Heidegger irá apresentar uma hermenêutica do sentido do ser. Grondin, por sua vez, irá trazer que em Heidegger a hermenêutica muda de objeto, pois deixará de incidir sobre os textos ou ciências interpretativas, começando a incidir sobre a existência. Grondin também apontará que a hermenêutica muda de vocação, pois deixará de ser entendida de modo técnico e passará a ter uma função fenomenológica (fenomenologia destruidora) e também mudará de estatuto, pois não será apenas uma reflexão incidente sobre a interpretação, mas a realização de um processo de interpretação que se confundirá com a própria filosofia (Grondin, 2012, p. 38).

Para além de Heidegger, também já no século XX, outro filósofo de relevo apresentou significativa contribuição para a história da hermenêutica, esse foi Hans-Georg Gadamer.

Gadamer, que, inclusive, foi aluno de Heidegger, trouxe em sua hoje consagrada obra, *Verdade e Método* (Gadamer, 1999), uma hermenêutica filosófica. A adjetivação *filosófica* está para o substantivo hermenêutica (Stein, 2014, p. 212), o que, ao que parece, vai trazer um ar de universalidade a coisa, o que se coaduna com o projeto gadameriano. Em suma, Gadamer irá reabilitar a tradição e romper as amarras do método como condicionantes para uma busca pela verdade. O problema da hermenêutica, conforme o filósofo, sempre esteve forçando os limites da moderna ciência, bem como entender e interpretar textos não é somente um empenho da ciência (Gadamer, 1999, p. 31).

Com Gadamer, a hermenêutica se expande. Não se resume a técnicas ou métodos, não tem um mero caráter instrumental, também não é uma espécie de metodologia para as ciências humanas apenas, nem mesmo se volta exclusivamente ao ser. Quem lê *Verdade e Método* perceberá que a proposta de Gadamer é de criar uma hermenêutica filosófica, compreendendo a necessidade de reabilitação da tradição, de compreensão da função das pré-compreensões (ou preconceitos) e entendendo o papel da história efetual.

Ao que aparente, Gadamer irá – de certo modo - retomar um dos problemas centrais que foi objeto do pensamento de Dilthey: a questão da compreensão nas ciências humanas (Grondin,

2012, p. 63).

Gadamer compreende o descrédito que o papel da tradição, da autoridade e dos preconceitos tiveram, o que, ao que se percebe aqui, tornara-se um movimento explícito desde Descartes, o qual defendia em seu *Discurso* (1975) sobre o método uma necessidade de, numa suposta busca pela verdade ou pelo conhecimento, o sujeito deveria se encontrar em um estado (utópico) em que – pode-se dizer – sua carga histórica e existencial não o afetasse. Nesse sentido, Torriere Guimarães, em nota de tradução da obra de René Descartes, irá dizer:

“Para alcançar a verdade é preciso, uma vez na vida, desfazermos-nos de todas as opiniões que recebemos e reconstruir de novo e desde os fundamentos, todos os sistemas dos nossos conhecimentos”. Aí está, se possível, o fundamento de toda a filosofia de Descartes (Descartes, 1975, p. 97).

Gadamer irá entender que as pré-compreensões permitidas pelo impulsionar da tradição do sujeito, para longe de ser uma espécie de “mal”, ou vetor que prejudica necessariamente a compreensão, em verdade, são condições de possibilidade para o compreender. Dito de outro modo, o preconceito (*vorurteil*) que o sujeito carrega (ou que o carrega) em relação a algo é uma condição para que haja a própria compreensão da coisa em questão. O preconceito é essencial para que haja a fusão de horizontes⁴.

4 Considerações Finais

Desde o surgimento do termo hermenêutica, no século XVII, pode-se perceber que a tradição hermenêutica apresenta vasta gama de reflexões e compreensões.

A partir de todo o exposto, observar – ainda que por breves considerações – como o pensamento hermenêutico se formou no decorrer da proceder histórico demonstra como um fenômeno pode ser percebido, “construído” ou projetado sob perspectivas diferentes, sendo determinante para tal o impulsionar da tradição do autor.

Referências

ALMEIDA, Custódio Luís Silva de; FLIKING, Hans-Georg; ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer**. GRONDIN, Jean. Retrospectiva dialógica à obra reunida e sua história de efetuação. Porto Alegre; Edipucrs, 2000,

ARISTÓTELES. **Organon: primeiro volume – I Categorias; II Periérmeneias**. 1. ed.

⁴ Em suma, a fusão de horizontes é o resultado do momento em que o horizonte de compreensão do intérprete se encontra com o horizonte da coisa hermenêutica. Para que ocorra, é preciso que o intérprete deixe a coisa falar.

Guimarães editores, LDA. 1985.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. Tradução de Torriere Guimarães. São Paulo: Hemus, 1975.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.

GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GILHUS, Ingvild Sælid. **Hermenêutica**. REVER: Revista de Estudos da Religião, v. 16, n. 2, p. 144-156, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.

HESÍODO. **Teogonia**. Tradução de Jaa Torrano. 7. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70. 1999.

PLATÃO. **Crátilo**. São Paulo: Paulus, 2014.

MACKINTOSH. Hugh R. **Teologia Moderna: de Schleiermacher a Bultmann**. Itapetininga: 2002.

MIRANDA, Daniel. **A história da hermenêutica: uma reflexão a partir do conceito de tradição**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Direito. p. 178. 2016.

SALGADO, Ricardo Henrique Carvalho. **Hermenêutica filosófica e aplicação do direito**. Belo Horizonte: Delrey, 2006.

SALGADO. Joaquim Carlos. **Princípios hermenêuticos dos direitos fundamentais**. Revista da Faculdade de Direito da UFMG, Belo Horizonte. p. 245-266. 2001.

SOUZA, Isaac Maynard C.M. **Método e interpretação do direito**: uma análise a partir da hermenêutica filosófica. Belo Horizonte: Expert, 2023.

STEIN, Ernildo. **Gadamer e a consumação da hermenêutica**. Problemata: Revista Internacional de Filosofia, v. 5, n. 1, 2014.